



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

GT 3: Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

Modalidade de apresentação: Comunicação Oral

COMPETÊNCIA INFORMACIONAL E APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR

Linete Bartalo

Universidade Estadual de Londrina

Miguel Luiz Contani

Universidade Estadual de Londrina

RESUMO: Alunos de um curso superior em Arquivologia quando confrontados com a averiguação de sua competência informacional evidenciaram o grau em que se encontra sua autonomia para a aprendizagem. A competência informacional é uma das dimensões do comportamento informacional e compreende desde a consciência de necessidade, passando pela aptidão de busca e culminando na capacidade de uso de informação. Essas três dimensões são geralmente realizadas nos ambientes nos quais os indivíduos interagem, uma vez que é nesse espaço que se identificam as componentes sócio-históricas e psicológicas, o contexto e o ambiente de efetivo uso da informação. Esta pesquisa verificou, junto a 34 alunos da segunda série e 30 da quarta série do curso de Arquivologia da Universidade Estadual de Londrina, o modo como se harmoniza a presença das três citadas dimensões, sendo que estas fazem parte de um conjunto de cinco padrões estabelecidos pela American Library Association (ALA), cada um composto de indicadores que totalizam 22. Para efeito deste estudo, foram portanto avaliados o Padrão Um – consciência de necessidade; Padrão Dois – buscar e acessar; Padrão Três – usar e avaliar criticamente. Os participantes responderam a um questionário com 18 questões, que investigou os 16 indicadores de comportamento que compõem estes três padrões de competência informacional. Os resultados apontam para uma suave prevalência do padrão dois, que ainda não permite reconhecê-lo de modo pleno. Ou seja, os estudantes demonstram uma relativa facilidade em acessar a informação, ao passo que não são capazes de determinar a natureza e a extensão da informação de que necessitam (Padrão Um), tampouco usá-la e avaliá-la criticamente (Padrão Três). Desse modo, pode-se afirmar que esses participantes não possuem em seus repertórios comportamentais certas competências informacionais que podem afetar sua capacidade de adquirir aprendizagem significativa.

Palavras-chave: Competência informacional; Aprendizagem no ensino superior.



1 INTRODUÇÃO

A questão da aprendizagem, no vasto campo da educação, vem se desenvolvendo nas últimas décadas com a tendência a colocar o aprendiz como sujeito ativo deste processo. Nesse sentido alguns fatores são fundamentais para que a aprendizagem aconteça. É claro que hoje não se pode mais pensar em uma aprendizagem restrita aos bancos escolares. A figura do professor tradicional, que “transmite” o conhecimento, há muito tempo, deixou de existir, pelo menos para aqueles que, conscientes da nova ordem social, já se deram conta de que o “aprender a conhecer” ou “aprender a aprender” é mais importante que o “aprender conteúdos”. Segundo Martins (2004), os fatores que influem no desenvolvimento da capacidade de aprender são a atitude de querer aprender e o desenvolvimento de aptidões cognitivas e procedimentais.

O comportamento informacional humano é objeto de estudo multidisciplinar, enfocado pela Psicologia, Administração, Ciências da Saúde, Comunicação e Ciência da Informação, entre outras áreas. Wilson (1999, p. 249) define comportamento informacional como “as atividades de busca, uso e transferência de informação, nas quais uma pessoa se engaja quando identifica as próprias necessidades de informação”. O comportamento informacional do indivíduo engloba os estudos de necessidade, busca e uso da informação bem como os estudos sobre competência informacional. A ALA (American Library Association) descreve a pessoa competente em informação como sendo

capaz de reconhecer quando precisa de informação e possuir habilidade para localizar, avaliar e usar efetivamente a informação [...] Em última análise, pessoas que têm competência informacional são aquelas que aprenderam a aprender. Essas pessoas sabem como aprender porque sabem como a informação está organizada, como encontrar informação, e como usar informação, de tal forma que outros possam aprender com elas. ALA (1989).

O paradigma contemporâneo de educação tem como princípio o desenvolvimento de conceitos e instrumentos que viabilizem, ao sujeito que aprende, passar a controlar seu processo de aprendizagem. Para isso o aprendiz deve seguir caminhos não padronizados, eventualmente únicos e condizentes com sua experiência



pessoal, contexto de vida, interesse, características cognitivas e de personalidade, além de suas possibilidades objetivas. Esses caminhos de aprendizagem, traçados pelo próprio sujeito-aprendiz terão convergências momentâneas com os caminhos de outros aprendizes, momentos em que as interações serão necessárias, possíveis e certamente intensas. Está clara a falência dos paradigmas anteriores de ensino, pois eles não mais atendem às necessidades humanas de aprendizagem nesse novo modo de existência, tampouco aproveitam as possibilidades que se colocam como potencial transformador.

Nessa perspectiva, novas informações tornam-se cruciais para novas aprendizagens, uma vez que, em qualquer concepção de aprendizagem, informação é o elemento indispensável para a sua realização. O processo de abordagem à informação, neste contexto, reveste-se de fundamental importância.

2 A COMPETÊNCIA INFORMACIONAL NA APRENDIZAGEM

De acordo com Cavalcante (2006, p. 52)

Um dos maiores desafios da educação superior se refere às habilidades individuais e coletivas no uso da informação por parte dos estudantes. Isto é, muitos entram e saem de um curso superior com pouco ou nenhum conhecimento sobre competência no uso eficaz da informação para o desenvolvimento profissional. Em alguns casos, este fator vai contribuir para o abandono ou o trancamento, número de anos no curso além da média, dificuldades de integração, descontentamento com a área que escolheu ou falta de oportunidades no mercado de trabalho.

O comportamento informacional do aluno de graduação tem como foco o processo de busca e uso da informação para a elaboração dos trabalhos acadêmicos, as formas de estudo para as avaliações, as estratégias individuais de abordagem ao estudo, enfim, a competência informacional para a aprendizagem ao longo da trajetória acadêmica.

A ênfase que a sociedade atual emprestou à aprendizagem assume uma importância central em todas as áreas do conhecimento humano. Considerando que no momento exato em que o indivíduo transforma a informação em conhecimento ele realiza a aprendizagem, pode-se parodiar Le Coadic (1996, p. 27) quando afirma que “a informação é o sangue da ciência. Sem informação, a ciência não pode se desenvolver e viver”, estabelecendo que a informação é o sangue da aprendizagem. Sem informação, a



aprendizagem não acontece. Realmente, as inúmeras teorias de aprendizagem existentes têm em comum a necessidade de novas informações para o desenvolvimento de novas aprendizagens. As diferentes abordagens à aprendizagem humana representam diferentes visões de como as novas informações são transformadas em conhecimento, ou seja, aprendidas pelo indivíduo, incorporadas ao seu intelecto. Pode-se afirmar, então, que, em qualquer concepção de aprendizagem, informação é o elemento indispensável e imprescindível para o seu desenvolvimento.

No entanto, a aprendizagem não é algo tão simples, é um fenômeno multideterminado, extremamente complexo, não se restringindo à aquisição de informação. Envolve inúmeras variáveis que se combinam de diferentes formas, sujeitas a influências de fatores internos, externos, individuais e sociais (PFROMM NETO, 1986). Quando Myra y Lopez (s.d., p. 4) afirma que “estudar é concentrar todos os recursos pessoais na captação e assimilação dos dados, relações e técnicas conducentes ao domínio de um problema, e aprender é obter o resultado apetecido na atitude de estudo” e destaca que pode-se estudar e não aprender, caracterizando o esforço como ineficiente, bem como aprender sem estudar, deste modo, tendo-se esforço desnecessário, com certeza está problematizando este complexo fenômeno da aprendizagem humana.

De fato, a capacidade de aprender pode ser considerada a principal característica isolada do ser humano. A aprendizagem encontra-se “tão integrada no homem que é quase involuntária [...] a tal ponto que nossa especialização, como espécie [humana], pode resumir-se na aprendizagem” (BRUNER, 1976, p. 133).

Na sociedade atual as demandas de aprendizagem aumentaram e estão mais exigentes. Há muito mais o que aprender, de modo mais profundo e em menos tempo do que há dez anos atrás. É preciso considerar também que existe muita informação e muitas possibilidades diferentes de acesso, chegando-se a cunhar expressões como “poluição da informação” e “explosão da informação” com vistas a denominar este fenômeno. A “sociedade da informação”, que segundo Webster (1994), tem sido conceituada sob cinco aspectos (tecnológico, econômico, ocupacional, espacial e cultural), e sua evolução para a “sociedade do conhecimento” e atualmente para “sociedade da aprendizagem” (POZO, 2005) é uma realidade na entrada deste terceiro milênio.



A estrutura cognitiva do aprendiz é de suma importância no seu processo de aprendizagem. As teorias de aprendizagem postuladas depois da década de 60 do século passado dão conta dessa importância. Moreira (1999, p. 12) resume que “de um modo geral, uma teoria da aprendizagem é uma construção humana para interpretar sistematicamente a área de conhecimento que chamamos aprendizagem”. Muitas teorias de aprendizagem ressaltam o papel da estrutura cognitiva do aprendiz, dentre elas destacam-se duas: a teoria do processamento da informação e a teoria da aprendizagem significativa.

Na teoria do processamento da informação a ocorrência de aprendizagem na mente de um aprendiz é explicada recorrendo-se à metáfora do processamento da informação como acontece nos computadores. Alguns psicólogos cognitivistas inspiraram-se na metáfora de que a aprendizagem e o raciocínio humanos ocorrem de modo análogo ao processamento feito pelo computador. Assim, essa teoria lança mão dos três elementos básicos do computador (entrada de dados, processamento pela máquina e saída) e sua correspondência na mente humana (informação provinda do ambiente, processamento pela estrutura cognitiva do aprendiz e conhecimento exposto) para explicar a aprendizagem humana.

Outra teoria da aprendizagem, a da aprendizagem significativa, postulada por Ausubel na década de sessenta (Ausubel, 1963), tem sido resgatada por educadores preocupados, entre outras questões, com essa nova perspectiva da formação do pensamento crítico e criativo, da responsabilidade do aprendiz em construir seu próprio conhecimento, da importância e valor crescente que vêm sendo atribuídos ao aprender a aprender, não apenas nos meios educacionais, mas na sociedade de um modo geral e da urgência em formar cidadãos responsáveis, autônomos e independentes.

Pozo (1989) sintetiza os pressupostos da Teoria da Aprendizagem Significativa de Ausubel destacando que para que a aprendizagem seja significativa, a nova informação a ser aprendida precisa fazer sentido para o aprendiz. Isto acontece quando a nova informação “ancora-se” nos conceitos relevantes já existentes na estrutura cognitiva do aprendiz. Neste processo a nova informação interage com uma estrutura de conhecimento específica, que Ausubel chama de conceito “subsunçor”. Esta é uma palavra que tenta traduzir a inglesa “subsumer”. Quando a nova informação não consegue



ligar-se a algo já conhecido, ocorre o que Ausubel chamou de aprendizagem mecânica (“rote learning”). Ela ocorre quando as novas informações são apreendidas sem interagirem com conceitos relevantes existentes na estrutura cognitiva.

Para haver aprendizagem significativa é preciso haver duas condições: a) o aprendiz precisa ter uma disposição para aprender: se o indivíduo quiser memorizar a informação arbitrariamente e literalmente, então a aprendizagem será mecânica; b) o material (informação) a ser aprendido tem que ser potencialmente significativo (logicamente e psicologicamente). O significado lógico depende somente da natureza do material (informação) e o significado psicológico é uma experiência que cada indivíduo tem e por meio dela realiza uma filtragem dos materiais que têm significado ou não para si próprio.

A nova cultura da aprendizagem, inerente à sociedade do conhecimento e por consequência à sociedade da aprendizagem, na qual aprender constitui-se numa exigência social crescente, passou a requerer novas competências cognitivas (POZO, 2005). A aprendizagem, nessa perspectiva, deixou de ser responsabilidade da escola enquanto espaço privilegiado do saber. O conhecimento, fator de transformação, só pode ser produzido pela ação mental do indivíduo que transforma a informação em conhecimento. A informação rompeu os limites da sala de aula, da biblioteca, da Internet e encontra-se a impregnar a sociedade, mas somente a sua assimilação, interiorização e processamento pelo indivíduo é que a transforma em conhecimento, pois o conhecimento é uma ação eminentemente humana (TÁLAMO, 2004).

Nesse contexto as diretrizes estabelecidas para a Sociedade da Informação no Brasil, enfatizam o desenvolvimento de competências para a aprendizagem ao ressaltar que

Educar em uma sociedade da informação significa muito mais que treinar pessoas para o uso das tecnologias de informação e comunicação: trata-se de investir na criação de competências suficientemente amplas que lhes permitam ter uma atuação efetiva na produção de bens e serviços, tomar decisões fundamentadas no conhecimento, operar com fluência os novos meios e ferramentas em seu trabalho, bem como aplicar criativamente as novas mídias, seja em usos simples e rotineiros, seja em aplicações mais sofisticadas. Trata-se também de formar os indivíduos para ‘aprender a aprender’, de modo a serem capazes de lidar positivamente com a contínua e acelerada transformação da base tecnológica (TAKAHASHI, 2000, p.45).



Ao se apropriar de uma informação pela leitura e devida interpretação, o receptor se apropria da amplitude conceitual daquela informação. Nesse ponto é necessário considerar, entre os vários fatores dificultadores do ato de interpretação, também os que dizem respeito às dificuldades de compreensão em leitura. Esta reflexão remete à conhecida problemática do famoso círculo vicioso da leitura. Este círculo, ao que parece, impregna o ensino em todos os seus níveis, desde a educação pré-primária até a universidade, chegando mesmo até a pós-graduação.

O círculo vicioso no qual parece localizar-se a crise de leitura acadêmica geralmente acontece da seguinte forma: o professor, frequentemente não possuindo habilidades de leitura, por falhas ou mesmo por ausência de aprendizagem específica nessa área ao longo de sua formação e, como decorrência, não conseguindo desenvolver procedimentos pedagógicos e estratégicos adequados para que seus alunos as adquiram (BATISTA, 1998), esses alunos, por sua vez, não tendo desenvolvido essas habilidades, além de enfrentarem sérias dificuldades na avaliação das informações que acessam para sua aprendizagem, contribuirão para a continuação do mesmo círculo no mercado de trabalho se assumirem posições nas quais essa carência se repercute.

Muito se tem discutido a respeito da necessidade da competência informacional como ferramenta de facilitação da aprendizagem, com destaque para o ensino superior. A Association of College and Research Libraries (ACRL) elaborou o documento “Information literacy competency standards for higher education” que foi aprovado pela American Library Association (ALA) em 18 de janeiro de 2000 e estabelece cinco padrões de competência em informação que podem ser verificados e avaliados em estudantes de ensino superior por meio de 22 indicadores de desempenho. Esses padrões são os seguintes:

- Padrão Um - Determinar a natureza e a extensão da informação necessária;
- Padrão Dois - Acessar efetivamente e eficientemente a informação necessária;
- Padrão Três - Avaliar criticamente a informação e suas fontes e incorporar informações novas em sua base de conhecimento e sistema de valor;
- Padrão Quatro - Usar a informação, individualmente ou como membro de um grupo, para alcançar propósitos específicos; e
- Padrão Cinco - Entender muitas das questões econômicas, legais e sociais que envolvem o acesso e o uso da informação de maneira ética e legal.



Barbosa (2008) conduziu um estudo com o objetivo de verificar se formandos do curso de arquivologia da UFBA –Universidade Federal da Bahia- desenvolveram competências informacionais ao longo de sua trajetória acadêmica. Seus resultados indicaram que as principais competências informacionais presentes nestes acadêmicos podem ser agrupadas em: diagnosticar a necessidade de informação; pesquisar informações; analisar e avaliar informações; aplicar informações e ensinar a lidar com informação; além de possuírem em seus repertórios comportamentais as competências de organizar, armazenar e recuperar informações, tendo concluído que estes formandos desenvolveram, de forma geral, competências informacionais, assim como competências enquanto mediadores ou facilitadores para o acesso à informação. Este trabalho não apresenta indicação de proporções na aquisição e uso destas competências, tendo a autora trabalhado com os quatro primeiros padrões estabelecidos pela ALA.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Foi elaborado um questionário com 18 questões com alternativas que representavam comportamentos desejáveis para o indicador proposto pela questão. Os participantes foram instruídos a assinalarem todas as alternativas que representassem seus comportamentos e/ou sentimentos a respeito do enunciado da questão (indicador de comportamento). Assim, cada questão mensurou um dos 16 indicadores comportamentais dos Padrões Um, Dois e Três de competência informacional, exceto os indicadores 6 (construir e implementar estratégias de busca efetivamente designadas) e 5 (Selecionar os métodos de pesquisa e os sistemas de recuperação da informação mais apropriados para acessar as informações necessárias) que foram mensurados por intermédio de duas questões, o indicador 6 pelas questões 4 e 14 e o indicador 5 pelas questões 1 e 12 (ver Quadro 1).

As questões abrangiam três dos cinco padrões de competência informacional estabelecidos pela ALA (2000) a fim de verificar a presença dos mesmos para a busca de informação para as atividades acadêmicas em alunos de ensino superior. Os padrões presentes no questionário foram: Padrão Um - Determinar a natureza e a extensão da informação necessária; Padrão Dois - Acessar efetivamente e eficientemente a informação necessária e Padrão Três - Avaliar criticamente a informação e suas fontes e



incorporar informações novas em sua base de conhecimento e sistema de valor. Cada um destes Padrões de competência informacional estabelecidos pela ALA pode ser verificado por intermédio de indicadores de comportamento. Assim, o Padrão de competência informacional Um prevê quatro indicadores de comportamento, o Dois prevê cinco e o Três prevê sete, mensurados neste estudo.

Para verificar a presença do Padrão Um -Determinar a natureza e a extensão da informação necessária- no repertório comportamental dos participantes, as questões versavam sobre quatro indicadores, são eles: 1) Definir e articular sua necessidade de Informação; 2) Identificar uma variedade de tipos e formatos de fontes potenciais de informação; 3) Considerar os custos e os benefícios da obtenção da informação necessária; e 4) Reavaliar a natureza e a extensão da informação necessária.

Para investigar a presença do Padrão Dois- Acessar efetivamente e eficientemente a informação necessária-, no repertório comportamental dos participantes-, as questões foram construídas de forma a abranger os cinco indicadores estabelecidos pela ALA para este padrão: 5) Selecionar os métodos de pesquisa e os sistemas de recuperação da informação mais apropriados para acessar as informações necessárias; 6) Construir e implementar estratégias de busca efetivamente designadas; 7) Recuperar informação on-line ou fisicamente usando uma variedade de métodos; 8) Refinar a estratégia de busca, se necessário; e 9) Extrair, registrar e gerenciar a informação e suas fontes.

O Padrão Três de competência informacional - Avaliar criticamente a informação e suas fontes e incorporar informações novas em sua base de conhecimento e sistema de valor-, foi investigado em questões no instrumento de coleta de dados, através dos seguintes indicadores: 10) Reunir as principais idéias para serem extraídas da informação obtida; 11) Articular e aplicar critérios iniciais para a avaliação de ambas – a informação e as suas fontes; 12) Sintetizar as idéias principais para construir novos conceitos; 13) Comparar novos conhecimentos com os conhecimentos adquiridos anteriormente para determinar os valores agregados, as contradições e outras características próprias da informação; 14) Determinar se o novo conhecimento tem um impacto sobre os sistemas de valores do indivíduo e dar os passos para reconciliar as diferenças; 15) Validar o entendimento e a interpretação da informação através do



discurso com outros indivíduos, especialistas na área do assunto e/ou práticos; e 16) Determinar se a questão inicial deve ser revisada.

O Quadro 1 apresenta a distribuição das 18 questões do instrumento de coleta de dados de acordo com os indicadores de comportamento investigados e sua categorização nos três padrões de competência informacional.

	Questão	Indicadores de comportamento
PadrãoUm	2	Definir e articular sua necessidade de Informação
	3	Identificar uma variedade de tipos e formatos de fontes potenciais de informação
	7	Considerar os custos e os benefícios da obtenção da informação necessária
	8	Reavaliar a natureza e a extensão da informação necessária
PadrãoDois	1 e 12	Selecionar os métodos de pesquisa e os sistemas de recuperação da informação mais apropriados para acessar as informações necessárias
	4 e 14	Construir e implementar estratégias de busca efetivamente designadas
	9	Recuperar informação on-line ou fisicamente usando uma variedade de métodos
	10	Refinar a estratégia de busca, se necessário
	11	Extrair, registrar e gerenciar a informação e suas fontes
PadrãoTrês	5	Reunir as principais idéias para serem extraídas da informação obtida
	6	Articular e aplicar critérios iniciais para a avaliação de ambas – a informação e as suas fontes
	13	Sintetizar as idéias principais para construir novos conceitos
	15	Comparar novos conhecimentos com os conhecimentos adquiridos anteriormente para determinar os valores agregados, as contradições e outras características próprias da informação
	16	Determinar se o novo conhecimento tem um impacto sobre os sistemas de valores do indivíduo e dar os passos para reconciliar as diferenças
	17	Validar o entendimento e a interpretação da informação através do discurso com outros indivíduos, especialistas na área do assunto e/ou práticos
	18	Determinar se a questão inicial deve ser revisada

Quadro 1 – Distribuição das questões de acordo com os Padrões de competência Informacional estabelecidos pela ALA (1989) e seus respectivos indicadores de comportamento.

Fonte: Composto pelos autores com os dados do instrumento de coleta de dados deste estudo

Participaram da pesquisa voluntariamente e com a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, 34 alunos da segunda série e 30 da quarta série do curso de Arquivologia da Universidade Estadual de Londrina. Eles responderam ao questionário em sala de aula, sem identificação no mesmo. As idades dos participantes variaram de 22 anos a 44 anos e 3 meses, sendo que a maioria (69%) é do gênero feminino. Apenas 2 dos participantes cursaram o ensino fundamental em escolas particulares e 7 deles também o ensino médio, sendo que os demais cursaram tanto o ensino fundamental como o médio em escolas públicas e 48% fez cursinho preparatório

para o vestibular. Os dados foram tabulados no Programa excel e analisados com a contribuição de estatísticas para cada questão, para os indicadores de comportamento e para os padrões de competência.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A distribuição apresentada na Figura 1 demonstra em cada padrão de competência informacional investigado, através dos indicadores de comportamento, de acordo com a porcentagem das respostas dos participantes, o grau de aproximação ao padrão. Observa-se uma suave prevalência do padrão dois, que ainda não permite reconhecê-lo de modo pleno, ou seja, não se pode afirmar que os participantes possuam este padrão de competência informacional totalmente implantado em seu comportamento.

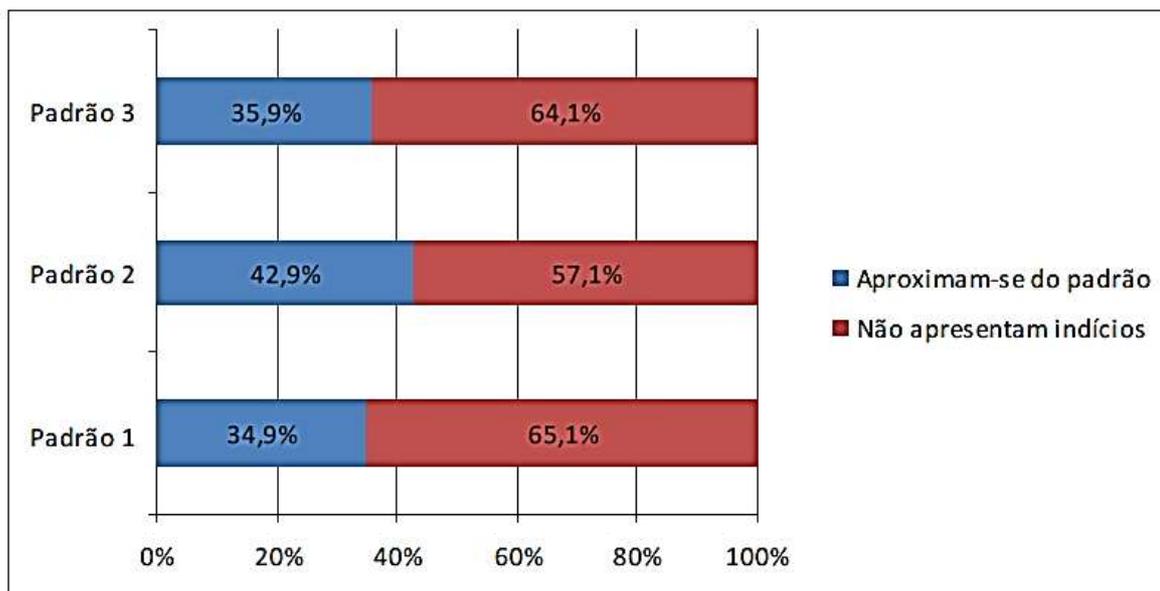


Figura 1 – Síntese dos resultados dos indicadores de comportamento investigados para os Padrões de competência informacional.

Quanto ao Padrão Um percebe-se que a maioria dos participantes tem dificuldade em definir e articular sua necessidade de informação, de identificar variedade de tipos e formatos de fontes potenciais de informação, de considerar os custos e benefícios da obtenção da informação e de reavaliar a natureza e a extensão da informação necessária. Isto leva a crer que estes estudantes ainda não conseguiram desenvolver o Padrão Um de competência informacional -determinar a natureza e a extensão da informação necessária-. Há de se destacar que a respeito de se considerar



os custos e benefícios da obtenção da informação, 28 dos 64 participantes, o que representa 43% responderam que nunca pensaram nisso.

No que diz respeito ao Padrão Dois -Acessar efetivamente e eficientemente a informação necessária-, os resultados demonstraram por meio dos indicadores de comportamento investigados que estes estudantes conseguem com certa facilidade selecionar os métodos de pesquisa mais apropriados ou os sistemas de recuperação da informação para acessar as informações necessárias, conseguem também com facilidade construir e implementar estratégias de busca efetivas e eficientes para recuperar informações on-line ou no modo convencional usando uma variedade de métodos e refinam a estratégia de busca quando necessário. Além disso, sabem extrair, registrar e gerenciar a informação e suas fontes. Dessa forma pode se considerar que este padrão está incorporado ao comportamento informacional destes participantes.

O Padrão Três -Avaliar criticamente a informação e suas fontes e incorporar informações novas em sua base de conhecimento e sistema de valor– talvez não tenha sido ainda totalmente desenvolvido pelos estudantes participantes desta pesquisa uma vez que os resultados apontaram ausência de comportamentos desejáveis em alguns dos indicadores que o avaliam, quais sejam, reunir as principais idéias para serem extraídas da informação obtida; articular e aplicar critérios iniciais para a avaliação da informação e suas fontes; sintetizar as idéias principais para construir novos conceitos, comparar novos conhecimentos com os conhecimentos adquiridos anteriormente, determinar se o novo conhecimento tem um impacto sobre os seus sistemas de valores, validar o entendimento e a interpretação da informação por meio de discurso com outros indivíduos, especialistas na área do assunto e/ou práticos; e determinar se a questão inicial deve ser revisada.

POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES

A compatibilidade que se pretende entre a formação universitária e as necessidades sociais constitui-se em questão das mais relevantes para educadores que estejam preocupados com a qualidade da formação dos profissionais egressos de suas escolas. A tendência contemporânea para essa formação tem sido no sentido de contemplar a plena satisfação às exigências impostas pelas rápidas transformações sociais decorrentes do desenvolvimento científico e tecnológico. Nesse contexto as profissões que têm como objeto de trabalho a informação, ou seja, as profissões da área



de Ciência da Informação, por sentirem essas transformações de uma forma mais acentuada, exigem, em decorrência disso, intervenções mais rápidas, em consequência das mudanças dos paradigmas que as norteiam. A necessidade de uma postura autônoma e independente por parte dos profissionais das novas gerações tem sido a nova ordem mundial no mercado de trabalho.

O famoso Relatório Delors (DELORS, 1998) refere-se aos quatro pilares fundamentais para que se conceba a educação como um todo com vistas a atender as necessidades para as novas gerações, são eles: 1) *Aprender a aprender*- para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo da vida; 2) *Aprender a fazer* – para além da qualificação profissional, adquirir competências a fim de enfrentar situações reais e inusitadas; 3) *Aprender a viver juntos* – ou seja, desenvolver a compreensão do outro, perceber as interdependências; 4) *Aprender a ser* – desenvolver a personalidade com vistas a adquirir cada vez mais autonomia, responsabilidade e discernimento. O desenvolvimento de padrões de competência em informação vem ao encontro destes pilares no sentido de facilitar a formação do indivíduo.

Em vista disso o papel da universidade relacionado à formação profissional necessita ser revisto a fim de se alinhar a essa nova concepção, propondo estruturas que oportunizem a concretização de uma formação que contemple o desenvolvimento integral do ser humano uma vez que os contornos do exercício da cidadania requerem permanente processo de educação continuada. Para isso é necessário conscientizar-se da imprescindibilidade da autonomia individual na busca de informação, pois ela é fundamental na criação de novos conhecimentos e conseqüentemente na manutenção e aprimoramento das capacidades humanas.

ABSTRACT: Students from a graduation course on Archivology when challenged to checking their informational competence, confirmed the degree to what their learning autonomy stands. Informational competence is one dimension of informational behavior and includes needs awareness, moves towards the searching ability and reaches the capacity of using information. These three dimensions are generally achieved in the environment in which the individuals interact, since it is in this space where socio historic and psychological components, context and environment of real information use are identified. This research involved 34 sophomore and 30 senior students of the graduate course on Archivology at State University of Londrina to find out how harmonized are the three abovementioned dimensions, being that they are part of a five standard definition by the American Library Association (ALA) comprising each one of indicators totaling 22. This



study evaluated standard one – need consciousness, standard two – search and access, and standard three – using and critically evaluating. Participants answered a 18 topic questionnaire aimed at investigating 16 behavior indicators. Results showed a slow prevalence of standard two, which still does not enable to fully recognize it as significant. This means that students demonstrate a relative easiness to access information, but on the other hand are unable to determine the nature and extent for the information they need (standard one) nor to use it and critically evaluate it (standard three). This allows for the recognition that these participants lack in their behavioral repertoires certain informational which may affect their ability to acquire meaningful learning.

Key words: Information literacy; learning in higher education.

REFERENCIAS

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (ALA). **Presidential committee on information literacy**: final report. Chicago, 1989. 8p. Disponível em: <<http://www.ala.org/ala/acrl/acrlstandards/informationliteracycompetency.htm>> Acesso em: 02 fev. 2008.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (ALA). **Information literacy competency standards for higher education**. Chicago, 2000. 16p. Disponível em: <<http://www.ala.org/ala/acrl/acrlstandards/standards.pdf>> Acesso em: 02 fev. 2008.

AUSUBEL, D. P. The psychology of meaningful verbal learning. New York: Grune & Stratton, 1963.

BARBOSA, Safira Loyde Rodrigues. Avaliação de competências informacionais em formandos de arquivologia da UFBA. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia), Universidade Federal da Bahia. Instituto de Ciência da Informação, 2008. Disponível em: http://www.twiki.ufba.br/twiki/pub/ICI/Arquivologia/Safira_Loyde_Rodrigues_Barbosa.pdf Acesso em: 20 ago. 2010.

BATISTA, A. A. G. Os professores são “não-leitores?” In: MARINHO, M. ; SILVA, C. S. R. da. (Orgs.) **Leituras do professor**. Campinas: Mercado de Letras : Associação de Leitura do Brasil. 1998.

BRUNER, J. S. **Uma nova teoria da aprendizagem**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bloch, 1976.

CAVALCANTE, Lúdia Eugenia. Políticas de formação para a competência informacional: o papel das universidades. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo: Nova Série, v.2, n.2, p.47-62, dez. 2006. Disponível em: <http://www.febab.org.br/rbbd/ojs-2.1.1/index.php/rbbd/article/view/17/5>. Acesso em: 21 jul 2010.

DELORS, J. **Educação** : um tesouro a descobrir. São Paulo : Cortez; Brasília : MEC/UNESCO, 1998.



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1996.

MARTINS, V. **Como desenvolver a capacidade de aprender**. Entrevista. Disponível em: <<http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=205&rv=Literatura>>. Acesso em: 24 abr. 2004.

MOREIRA, M. A. **Teorias de aprendizagem**. São Paulo : EPU, 1999.

MYRA Y LOPEZ, Emilio. **Como estudar e como aprender**. São Paulo : Mestre Jou. s. d. Tradução de José Carlos Correa Pedroso.

PFROMM NETTO, S. **Psicologia da aprendizagem e do ensino**. São Paulo: EPU, 1986.

POZO MUNICIO, J. I. Adquisición de estrategias de aprendizaje. **Cuadernos de pedagogia**, Barcelona, n.175, p. 8-11, nov.1989.

POZO, J. I. **A sociedade da aprendizagem e o desafio de converter informação em conhecimento**. Disponível em: <www.diretoriobarretos.pro.br/patio_online2.htm>. Acesso em: 12 fev. 2005.

TAKAHASHI, T. (Coordenador). **Sociedade da informação no Brasil: livro verde**. Brasil: Ministério da Ciência e Tecnologia, Brasília, 2000. Disponível em: <<http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/full/18878.html>> acesso em: em 05 jan. 2010.

TÁLAMO, M. F. G. M. A pesquisa: recepção da informação e produção do conhecimento. **Datagramazero – Revista de Ciência da Informação**, v.5, n.2, abr. 2004. Disponível em: <www.dgz.org.br>. Acesso em: 24 abr. 2004.

WEBSTER, F. What information society? **The Information society**, London, v.10, n. 1, p. 1-23, jan/mar., 1994.

WILSON, Thomas Daniel. Models in information behaviour research. **Journal of Documentation**, London, v. 55, n. 3, p. 249-270, June 1999. Disponível em: <<http://informationr.net/tdw/publ/papers/1999JDoc.html>>. Acesso em: 28 dez. 2008.

